

## *Fotografia e Memória: o papel dos líderes religiosos na construção identitária dos fiéis no município de Ji-Paraná/RO*

José Lucas Pedreira Bueno<sup>1</sup>  
Mônica do Carmo Apolinário de Oliveira<sup>2</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v11i31.34146>

**Resumo:** Este estudo explorou, a partir de um panorama qualitativo, as relações produzidas historicamente entre liderança religiosa e identidade cultural, no contexto do município de Ji-Paraná/RO. A pesquisa parte de reflexões teóricas e análise de imagens fotográficas, buscando elementos visuais de significação. Para delinear a interpretação recorreremos à bibliografia referente aos conceitos de representação de Chartier (1990), memória de Halbwachs (2006), identidade de Bourdieu (1989) e sociologia da religião de Durkheim (2000) e Weber (1999, 2005), a fim compreender como se estabelece a influência religiosa na sociedade. As contribuições metodológicas da teoria da imagem de Kossoy (2001, 2003, 2007) e Barthes (1984) ofereceram suporte ao recorte específico, que procura evidenciar a influência e relações de poder, constituídas a partir da prática social e espiritual exercida por líderes religiosos que atuaram neste fragmento das paragens amazônicas.

**Palavras Chave:** Fotografia, Memória, Identidade Cultural, Líder Religioso, Ji-Paraná.

### **Photography and Memory: the role of religious leaders in the identity construction of the faithful in the municipality of Ji-Paraná / RO**

**Abstract:** This study explored, from a qualitative perspective, the historically produced relations between religious leadership and cultural identity, in the context of the municipality of Ji-Paraná / RO. The research starts from theoretical reflections and analysis of photographic images, searching for visual elements of signification. In order to delineate the interpretation we refer to the bibliography referring to the concepts of representation of Chartier (1990), memory of Halbwachs (2006), identity of Bourdieu

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Ciências da Educação, Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado Acadêmico e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar – Mestrado Profissional da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). [lucas@unir.br](mailto:lucas@unir.br)

<sup>2</sup> Mestre em História e Estudos Culturais na Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Professora de História do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Rondônia - campus Ji-Paraná, membro do grupo de pesquisa do Grupo de estudos em leitura, linguagens e identidade cultural (GELLIC) [monica.oliveira@ifro.edu.br](mailto:monica.oliveira@ifro.edu.br).

(1989) and sociology of the religion of Durkheim (2000) and Weber (1999, 2005), in order to Understand how religious influence in society is established. The methodological contributions of Kossoy's image theory (2001, 2003, 2007) and Barthes (1984) supported the specific clipping, which seeks to show the influence and relations of power, constituted from the social and spiritual practice practiced by religious leaders who Worked in this fragment of the Amazonian stops.

**Keywords:** Photography, Memory, Cultural Identity, Religious Leader, Ji-Paraná.

### **Fotografía y memoria: el papel de los líderes religiosos en la construcción de la identidad de los fieles en la ciudad de Ji-Paraná / RO.**

**Resumen:** Este estudio explora desde una perspectiva cualitativa, las relaciones históricamente produjo entre el liderazgo religioso y la identidad cultural en el contexto de la ciudad de Ji-Paraná / RO. La investigación parte de las reflexiones teóricas y análisis de las imágenes fotográficas, en busca de elementos visuales de importancia. Para delinear la interpretación se utilizó la bibliografía se refiere a la representación de los conceptos Chartier (1990), la memoria Halbwachs (2006), la identidad de Bourdieu (1989) y la sociología de Durkheim de la religión (2000) y Weber (1999, 2005) con el fin entender la forma de establecer la influencia religiosa en la sociedad. Las aportaciones metodológicas de la teoría Kossoy imagen (2001, 2003, 2007) y Barthes (1984) ofrecieron apoyo de enfoque específico, que pretende dar a conocer las relaciones de influencia y poder, formado a partir de la práctica social y espiritual ejercido por los líderes religiosos actuaron en este fragmento de las paradas del Amazonas.

**Palabras clave:** Fotografía, memoria, identidad cultural, líder religioso, Ji-Paraná.

*Recebido em 05/09/2017 - Aprovado em 13/01/2018*

### ***Introdução***

O presente trabalho faz uma análise de imagens fotográficas, relacionando memória, liderança religiosa e identidade cultural<sup>3</sup> no município de Ji-Paraná/RO. Localizada na porção centro-leste do Estado de Rondônia, a cidade é dividida em dois distritos separados pelo Rio Machado. É conhecida por "Coração de Rondônia", em razão de estar localizada na região central do Estado, e ainda, pela presença de uma ilha com o formato que lembra um coração, localizada na confluência dos rios Machado e Urupá.

<sup>3</sup> A identidade cultural é um conjunto de relações sociais e patrimônios simbólicos historicamente compartilhados que estabelece a comunhão de determinados valores entre os membros de uma sociedade.

O estudo centrou-se em compreender como as imagens que representam líderes religiosos do município podem fundamentar questões históricas, culturais e identitárias. Para tanto, fez-se necessário entender a construção imagética como um corpo vivo, já que a sociedade está em incessante metamorfismo e o retratável sustenta um conjunto de significados.

Para subsidiar o estudo, além do arcabouço teórico que permeia a linha dos Estudos Culturais, fizemos uso de referências ligadas à teoria da imagem. Nesse caminho, o conceito de representação de Chartier (1990) se faz oportuno, na medida em que a classificação e delimitação das realidades construídas pelos grupos sociais são empregadas na compreensão de práticas identitárias, munidas de significados simbólicos. Para o autor, as formas institucionalizadas, entre elas as religiões, perpetuadas inclusive pelos discursos sacerdotais, são mecanismos por meio dos quais, pessoas ou grupos tornam-se visíveis, multiplicam e eternizam sua existência como grupo, comunidade ou nação.

O sociólogo Durkheim vê a religião como um fenômeno coletivo que possui:

Um sistema solidário de crenças e de prática relativas a coisas sagradas, isto é, separadas proibidas, crenças e prática que se reúne numa mesma comunidade moral, chamada Igreja, todos aqueles que a elas aderem (2000, p. 32).

Via de regra, as ciências sociais possuem o entendimento de que as instituições religiosas são produtos dos contextos históricos e sociais submetidas a variadas dinâmicas, entre as quais se destaca o papel desempenhado por lideranças religiosas, que atuam no sentido de propagar a fé e, sobretudo, estimulam inércias ou mudanças sociais e políticas, ao sugerir aos adeptos determinados comportamentos.

Para Bourdieu (2004), a religião é um fenômeno estruturado, mas também estruturante da realidade social. Este pensamento colabora com Williams (1979), ao considerar que a relação de estrutura pode demonstrar um princípio organizador que rege grupos sociais. Nessa lógica, as orientações recomendadas por lideranças religiosas associadas às práticas dos fiéis em uma comunidade local, apregoa a reprodução identitária e cultural, mas também constituem instrumento de conservação da ordem, e sobre isso, Bourdieu afirma:

Neste ponto, Weber está de acordo com Marx ao afirmar que a religião cumpre uma função de

conservação da ordem social contribuindo, nos termos de sua própria linguagem, para a legitimação do poder dos dominantes e para a domesticação dos dominados (BOURDIEU, 2004, p. 32).

O discurso do líder não é somente transmissor de informações, mas, sobretudo um fenômeno social que possui relações com o ambiente, que está situado no tempo e espaço, capaz de influenciar e ser influenciado.

O escopo teórico utilizado conduz a compreensão acerca da influência e relações de poder, constituídas a partir da prática social e espiritual exercida por líderes religiosos.

Contudo essa abordagem também discute a fotografia como documento e janela para descobertas. Nesse sentido, fundamentamos esta discussão na reflexão sobre as peculiaridades da mensagem imagética. Conceitos configurados simbolicamente, acerca do papel desempenhado por personalidades religiosas do município que esculpem e efetivam práticas, costumes e tradições.

Em meio a essas observações, esse estudo faz uso de documentos fotográficos, provenientes de álbuns de família de moradores do município de Ji-Paraná/RO, que migraram em diferentes momentos da constituição histórica da localidade. As fotografias são, portanto, representações, certificados de presença, que exibem elementos identitários produzidos socialmente. Constituem-se em bens documentais, pois:

Sabemos que imagens fotográficas de outras épocas, na medida em que identificadas e analisadas objetiva e sistematicamente a partir de metodologias adequadas, se constituirão em fontes insubstituíveis para a reconstituição histórica dos cenários, das memórias da vida (individuais e coletivas), de fatos do passado centenário como do mais recente (Kossov, 2002, p. 133).

A leitura da fotografia, a partir dos comentários provocados pelas recordações e pela revivescência fomentada, constitui uma das matérias-primas do conhecimento pertencente à composição social da realidade.

Os documentos fotográficos, acompanhados de fichas catalográficas elaboradas por meio de entrevistas, utilizados para esta análise, fazem parte do banco de dados do

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Rondônia (IFRO), campus Ji-Paraná.

Para esse recorte analítico a seleção do material iconográfico foi estruturada a partir de imagens relacionadas ao ambiente religioso, sobretudo aquelas que evidenciam o papel dos líderes religiosos que atuaram no município e tiveram suas presenças registradas nos documentos analisados. Além dos documentos fotográficos fizemos uso de entrevista semiestruturada<sup>4</sup>, que possibilitou o aprofundamento das questões identificadas no material iconográfico.

Os sujeitos desse estudo foram divididos em dois grupos de entrevistados: fiéis e líderes religiosos, compondo um conjunto de 20 entrevistas. Os fiéis foram selecionados por constituir um grupo de sujeitos da pesquisa, que colaboraram no fornecimento dos documentos fotográficos utilizados. E os líderes religiosos contribuíram, como intermediários, no entendimento das práticas sacerdotais e sociais rememoradas nas fotografias e depoimentos.

Para resguardar a identidade dos participantes da pesquisa, utilizamos a sigla *FI*, significando o termo *Fiéis* e *LR*, significando *Líderes Religiosos* seguida de uma numeração, utilizada para nossa identificação dos participantes.

De posse dos dados iconográficos, documentais e teóricos, utilizamos o modelo de análise que colaborasse para a compreensão do problema investigado, de modo a interpretá-lo com maior coerência e consistência. Assim, para a interpretação do material coletado norteamos o estudo no método da análise de conteúdo, orientada por Laurence Bardin, que se define como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (qualitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção (recepção/variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 1979, p. 42).

---

<sup>4</sup> Trata-se de um tipo de entrevista mais espontânea, onde o entrevistador mesmo com um conjunto de perguntas predefinidas possui a liberdade de inserir novos questionamentos, cujo interesse surja no decorrer da entrevista. As questões predefinidas são uma diretriz, mas não ditam como a entrevista irá decorrer.

Referências ligadas à teoria da imagem auxiliaram na interpretação das fotografias, especialmente os estudos de Kossoy (2001, 2002, 2007) e Barthes (1984). No decurso, o estudo apresenta peculiar interpretação e reflexão do ambiente religioso configurada nas imagens dos líderes religiosos, visíveis em fotografias de fiéis do município de Ji-Paraná/RO, sugerindo um olhar diferenciado para o entendimento de códigos culturais e perfis identitários.

### ***Identidade e liderança religiosa***

Os exercícios de religiosidade<sup>5</sup> são produções humanas situadas na esfera da cultura dos grupos, ou ainda, como conceituou Karl Marx (1977) da superestrutura, responsável por produções ideológicas, e são, portanto, históricas.

É preciso compreender, que na constituição da identidade cultural dos grupos sociais, ocorrem “[...] a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo” (CHARTIER, 1990, p.24). Nesse sentido, as formas de agir e pensar, devem ser relacionadas aos laços de interdependência que norteiam as relações entre os indivíduos, que são moldados de diversas maneiras, em variadas situações, pelas estruturas de poder.

Para o autor, as formas institucionalizadas, entre elas as religiões, são mecanismos por meio dos quais, pessoas ou grupos se tornam visíveis, multiplicam-se e eternizam sua existência como grupo, comunidade ou nação (CHARTIER, 1992, 1995, 1990).

As religiões são representações culturais que absorvem a universalidade e são estabelecidas por aqueles que as implementam, impondo e legitimando regras e condutas. Na composição religiosa, a figura dos líderes constitui mecanismo para controle e manutenção das práticas religiosas. Nesta direção, Mary Del Priore (1997) reitera, mencionando que o Brasil nasceu à sombra da cruz, pois, em suma, a coroa Portuguesa se serviu da religião como um instrumento de colonização. Da mesma forma, Souza (1986) ratifica em sua análise o papel dos colonizadores no movimento de construção e disseminação da fé:

---

<sup>5</sup> É importante diferenciar os conceitos de religião e religiosidade. A primeira se define por um conjunto de crenças que são seguidas por um grupo de indivíduos de acordo determinados ensinamentos e doutrinas, estabelecendo um padrão de manifestação, regras e normas doutrinárias. Ao passo que a segunda qualifica-se por constituir um sentimento interior da existência de uma força superior, que se manifesta livremente na consciência humana.

Os portugueses se embutiam sinceramente de seu papel missionário. Os outros homens por instituição divina tem obrigação de ser católicos: os portugueses tem obrigação de ser católico e de ser apóstolico. Os outros cristãos tem a obrigação de crer a fé: o português tem a obrigação de crer e mais a de propagá-la (SOUZA, 1986, p. 33).

Os portugueses fizeram uso das estruturas de poder que a religião oferecia, como forma de dominação e controle social dos grupos indígenas que habitavam o território. As ações missionárias promovidas por portugueses em solo brasileiro, durante a colonização, deixaram reflexos que podem ser percebidos nas ações mais recentes de missionários cristãos, que atuaram no município de Ji-paraná.

Entendemos que, mesmo sendo a religião um instrumento de colonização ou mesmo um mecanismo de alienação e instrumento de controle social, como defende Marx (1977), ou ainda um agente de integração e transformação individual e coletiva, apresentado por Durkheim (2000) e Weber (2005), não podemos negar a historicidade presente nas relações entre o homem e a religião.

Na condição de característica exclusivamente humana, a religiosidade revela a busca do homem pelo sagrado. Uma forma de recorrer ao divino para explicar a realidade, ou ainda mesmo para clamar resoluções de problemas cotidianos. Assim, a religiosidade está diretamente ligada à História como um processo humano de autoconstrução.

Neste cenário, destacamos o papel desempenhado por líderes religiosos, como componente fundamental para integração religiosa. Nosso estudo identificou várias fotografias de líderes religiosos que atuaram no município de Ji-Paraná, guardadas em álbuns de família. Esses registros fotográficos, quando investigados, foram além do visível no recorte fotográfico. O sentimento de reconhecimento e lembrança, do papel que esses líderes desempenharam na localidade, está presente também, nos relatos e depoimentos dos fiéis ao rememorar o retratável.

Neste percurso buscamos responder à seguinte questão: Como indivíduos singulares constituem-se em referências para outros, promovendo valores de referência para construção de identidades?

A personificação do líder religioso no âmbito das ações simbólicas articula determinadas dimensões: o estabelecimento de reciprocidades que ocorrem em nível de entendimento, motivação e comprometimento; a definição de competências estratégicas

configuradas pelos saberes e técnicas religiosas e; os processos de legitimação e credibilidade que ocorrem a partir do reconhecimento de uma influência por parte dos fiéis.

Os líderes são indivíduos habilitados em ajustar informações religiosas e oferecer bases viáveis da ação. Conforme Smircich e Morgan (1997) a liderança, enquanto fenômeno grupal é socialmente construída. Para eles quatro aspectos são inerentes ao surgimento de um líder:

Primeiro, a liderança é essencialmente um processo social definido através da interação. Segundo, a liderança envolve um processo de definir a realidade de forma que sensibilize o liderado. Terceiro, a liderança envolve um relacionamento de dependência no qual indivíduos abdicam do seu poder de interpretar e definir a realidade dos outros. Quarto, a emergência dos papéis formais de liderança representa um estágio adicional de institucionalização no qual, direitos e obrigações em definir a natureza da experiência e da atividade são reconhecidos e formalizados (SMIRCICH, MORGAN, 1997, p.208).

Em suas práticas religiosas, padres, bispos, pastores ou demais referências religiosas de um grupo ou comunidade, entronizam direitos, deveres e valores religiosos pelos quais as atividades são reconhecidas e institucionalizadas, caracterizando-se especialmente, como promotores de consenso. O líder religioso constrói para outros membros, pontos de referência norteadores de sua ação diante da fé e do grupo, fornecendo-lhes as bases para a identificação e a construção da identidade.

Neste sentido, os indivíduos que assumem a liderança religiosa em um grupo, passam a constituir elementos da tradição, que produzem a memória coletiva. Essa ideia corrobora com o pensamento de Halbwachs, que considera que determinados elementos religiosos são fixadores de tradições. O autor observa que: “Uma verdade para se fixar na memória de um grupo deve apresentar-se sob a forma concreta de um acontecimento, de uma figura pessoal ou de um lugar” (HALBWACHS, 2006, p. 124).

Em linhas gerais, a prática religiosa é comumente orientada por indivíduos personificados na figura do líder, que atuam como promotores da fé, integrando a realidade social e cultural dos fiéis.

### ***Contexto Histórico da religiosidade em Ji-Paraná/RO.***

Desde a década de 40 do século XX, no então Território Federal do Guaporé<sup>6</sup>, a religiosidade sempre esteve relacionada aos infortúnios vividos por seringueiros, garimpeiros ou colonizadores que por aqui chegaram. A contar do período Imperial, foi contínua e forte a presença de missionários católicos na evangelização de povos indígenas, nas proximidades do Rio Machado, marcadamente pelas ordens salesianas e posteriormente por missionário da *Missão Novas Tribos do Brasil* (MNTB)<sup>7</sup>.

A partir de 1877, registram-se também presença dos primeiros colonos nordestinos ocupando a localidade. Naquele período a extração do látex da seringueira constituía atividade econômica predominante; contexto em que os primeiros missionários deram início aos contatos com os nativos objetivando promover o que eles chamavam de *aculturação*, menosprezando equivocadamente as práticas religiosas, os hábitos e costumes dos indígenas, erroneamente caracterizados como inferiores e pagãos.

O processo de aculturação levou o índio a abandonar hábitos e costumes tradicionais e a desaparecer como povo. No dizer de Darcy Ribeiro (1995) tal processo transforma o indígena em índio destribilizado. No entanto, devemos considerar de outro modo, o interesse econômico sobre a região, onde já se projetavam a organização administrativa do emergente povoado que nascia à margem do Rio Machado.

Não podemos negar que a presença desses religiosos marcou o advento da História de Ji-Paraná, não só no contexto religioso, mas, sobretudo no arranjo administrativo. Em 1883, a administração do *Rio Machado*, como era denominada a

---

<sup>6</sup> A formação territorial de Rondônia se inicia com a criação do território Federal do Guaporé, através do Decreto nº 5.812, de 13 de setembro de 1943. Situado a Noroeste do Estado de Mato Grosso e ao Sul do Estado do Amazonas, foi constituído por terras desmembradas dessas mesmas unidades da federação. De Mato Grosso, foi retirado o município de Guajará Mirim e partes dos de Alto Madeira e Mato Grosso e do Estado do Amazonas, os municípios de Porto Velho e parte de Humaitá. Em 1956, o Território Federal do Guaporé teve sua denominação alterada para Território Federal de Rondônia, como homenagem ao marechal Cândido Mariano Rondon, através da lei 2.731, de 17 de fevereiro de 1956. O Território foi elevado à categoria de Estado, através da Lei Complementar nº 41, de 22 de dezembro de 1981 (TEIXEIRA, 2001).

<sup>7</sup> Missão Novas Tribos do Brasil, uma agência missionária de caráter indenominacional que atua no processo de evangelização dos povos da Amazônia e Mato Grosso desde 1944, promovendo assistências nas áreas de saúde, educação e desenvolvimento comunitário.

localidade, estava na responsabilidade do Frei Iluminato, pertencente à congregação dos padres salesianos, que transferiu a administração para Amâncio Farias da Cruz, fato relatado no livro: *Desbravadores*, de Vitor Hugo (1959). Para o autor, os salesianos foram os desbravadores da região Amazônica, desconsiderando a presença muito mais remota dos nativos, que eram reputados como silvícolas incompatíveis à civilização.

Por outro lado, conforme nos alertam Souza e Dantas (2005), no artigo intitulado: *Experiência, subjetividade e escrita histórica em Vitor Hugo*, que mesmo concebendo a catequese como elemento civilizador, a obra de Vitor Hugo, promoveu a divulgação de peculiaridades sobre a região, que permitem a compreensão sobre o cotidiano dos povos nativos, dos caboclos ou seringueiros, dos religiosos e da população em geral. De forma abrangente, foram esses missionários que prepararam terreno para outras obras evangelizadoras que ocorreram na região.

No mesmo momento a economia local decaía com o final do primeiro ciclo da borracha, desencadeando na emigração de muitos seringueiros. Apesar disso, a permanência de missionários na região foi mantida e reforçada com o estabelecimento da linha telegráfica<sup>8</sup> de Marechal Rondon.

O local onde foi construída a estação telegráfica, denominada de Presidente Afonso Pena, no ano de 1909, passou a ser o centro administrativo da localidade. Ao lado, agregada à jurisdição administrativa, foi construída em madeira a primeira igreja católica da Vila de Rondônia<sup>9</sup>, reafirmando a presença dos missionários salesianos, enquanto poder religioso institucionalizado.

Em sua constituição história a região, como um todo, foi marcada por várias ondas migratórias. A migração de grande número de pessoas do nordeste, centro-oeste e do sul do Brasil para a Amazônia, a partir da década de 50 e até hoje pode ser metaforicamente comparada a uma imensa peregrinação em direção à terra prometida. A propaganda governamental, intensificada durante a ditadura militar e fortalecida pela ideia de integrar para não entregar<sup>10</sup>, difundiu um ideário de oportunidades de acesso a terra e às riquezas amazônicas.

---

<sup>8</sup> A ligação telegráfica de Mato Grosso ao extremo Oeste Amazônico objetivou tirar a região do isolamento, integrando-a no dito mundo civilizado, situação que favoreceu o processo migratório para esta localidade amazônica.

<sup>9</sup> A atual cidade de Ji-Paraná/RO já foi denominada sucessivamente Vila Urupá, Presidente Penna e Vila de Rondônia. A localidade era chamada de Vila de Rondônia, somente a partir da emancipação política em 1977, passou a denominar Ji-Paraná.

<sup>10</sup> O Plano de Integração Nacional foi um programa de cunho geopolítico criado pelo governo militar brasileiro, com objetivo de ocupar os vazios demográficos amazônicos com o excedente populacional de outras regiões. O lema "integrar para não entregar" era utilizado como discurso

Partindo dessa ótica, a relação entre migrações e dimensão religiosa aponta a religião como recurso simbólico para o processo de integração dos migrantes no novo ambiente que os acolheu. Em outros termos, o grande contingente populacional proveniente de outras regiões brasileiras trouxe em sua bagagem elementos religiosos que contribuíram para a construção da identidade cultural do Ji-Paranaense.

Esse processo de migração dos fiéis promoveu uma mobilidade religiosa capaz de alargar as fronteiras simbólicas para atender aos desafios impostos no contexto da colonização desta região.

Em todo o tempo, no processo histórico da região, figuras religiosas intercalavam-se na tarefa de evangelizar. Uma das figuras de grande influência na localidade, indivíduo de notável fervor religioso segundo antigos fiéis, foi o padre alemão Adolpho Rohl. Tendo chegado ao distrito no ano de 1949, desempenhou relevante papel na divulgação da fé cristã entre os moradores e povos indígenas. Sua dedicada atuação foi fundamental para a consolidação do distrito.

Outro personagem merecedor de destaque no campo da formação religiosa dos moradores de Ji-Paraná foi o pastor Paulo Bellington, acompanhado de sua esposa Dóris que aqui chegaram em 1963. Atuando como missionários da Igreja Batista deram início à conversão de muitos indivíduos e deixaram como herança cultural princípios e ensinamentos que são adotados pelos adeptos desta congregação na época atual.

No ano seguinte, o pastor missionário Horst Stute e sua esposa Annette Stute vieram para Vila de Rondônia, participando da *Missão Novas Tribos do Brasil*, que tinha como objetivo o ensino religioso aos índios. Dedicaram-se amplamente ao proselitismo religioso adotando para tanto, a alfabetização integrada ao estudo da língua indígena, tradução da bíblia e assistencialismos, inclusive a promoção de atendimentos na área da saúde.

Estes são apenas alguns exemplos de ações evangelizadoras determinantes para a constituição da religiosidade cristã do município. Apesar disso, é fundamental ressaltar que mesmo tendo sido negada pelos primeiros invasores ou missionários, a religiosidade indígena, inegavelmente constitui a primeira matriz religiosa do Brasil. Essa religiosidade tradicional, permeada por práticas xamânicas não possuía uma organização sistemática, nem tampouco uma instituição que a representasse, mas congrega o universo cultural dos povos indígenas como um todo. O entendimento sobre religião adotado pelo ocidente,

---

nacionalista. Além disso, era difundida ideia de que era preciso proteger a floresta contra a “internacionalização”.

não se aplica a espiritualidade indígena que antecedeu as ações evangelizadoras cristãs na região.

A presença desses missionários foi determinante para a transformação e constituição da atual identidade religiosa não só dos migrantes e colonizadores, mas especialmente dos indígenas, que foram gradativamente abandonando os rituais xamânicos e adotando práticas religiosas cristãs.



**Fotografia 1:** Os Zoró na Igreja. Foto: Lars Lovold, 1981.  
Fonte: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/zoro/2067>

A Fotografia 1 evidencia a transformação religiosa promovida pela ação missionária católica na tribo dos Zoró, registrada em 1981 pelo pesquisador Lars Lovold. Esse documento fotográfico apresenta indícios que evidenciam a inserção do indígena no âmbito das práticas religiosas cristãs. Na imagem podemos observar o ambiente, o espaço, a organização e os indivíduos retratados.

Embora a estrutura com que foi edificado o templo apresente elementos típicos da arquitetura indígena, feitas à partir das palhas de bacuri, madeira sem beneficiamento e chão batido, podemos verificar signos (símbolos) do cristianismo como a cruz e o ostensório localizados na parte central da imagem, compondo características de altar. A disposição dos bancos em fileiras e a indumentária dos indivíduos que compõe a

fotografia pressupõem as influências da cultura cristã, que impregnaram suas crenças e costumes.

A ação missionária católica, iniciada pelos padres salesianos, introduziu valores do cristianismo entre os Zorós. Contudo, as ações missionárias evangélicas tiveram mais êxito sobre os povos indígenas da região.

A conversão ao evangelismo, sobre influência da *Missão Novas tribos do Brasil* e também da Igreja Batista levou maciçamente os Zorós a abandonarem boa parte das práticas xamânicas e as concepções cosmológicas que integravam o modo tradicional de compreensão de elementos por eles considerados sagrados.

As práticas religiosas são hoje ensinadas por pastores indígenas. Muitas narrativas bíblicas foram traduzidas para a língua materna<sup>11</sup>, constituindo a base das novas concepções morais impostas pela conversão. A esse respeito o antropólogo João Dal Poz (2009), no artigo intitulado “Cosmologia e Religião - Os Zoró” diz:

Cultos, rezas e curas espirituais são hoje ministradas quase diariamente por pastores indígenas, cujo treinamento e orientação encarregam-se os missionários da MNTB<sup>12</sup>, ora sediados em Ji-Paraná (RO). As narrativas bíblicas, traduzidas e memorizadas na língua materna, são evocadas em sermões e solenidades públicas, bem como servem aos novos juízos morais e preenchem a conversão doméstica. Ápice do processo de transfiguração por que passa a cultura Zoró, os batismos coletivos, por meio da imersão dos iniciados em lagos ou rios, assinalam a substituição do demiurgo Gorá, o inventor do mundo, dos homens e dos bens culturais para os povos tupi-mondé, pelo Deus cristão professado pelos evangélicos batistas (DAL POZ, 2009, p.3).

---

<sup>11</sup> Os Zoró falam uma língua da família Mondé, da qual também fazem parte as línguas Cinta-Larga e Gavião. A denominação desta família linguística deve-se a um grupo de 25 índios “mundé” que o antropólogo Lévi-Strauss visitou em 1938 no Estado de Rondônia (Lévi-Strauss, 1955).

<sup>12</sup> MNTB é a sigla utilizada para Missão Novas Tribos do Brasil.

Ainda segundo o autor, tal alteração é justificada no contexto em que foi executada. Consta que epidemias de coqueluche e hepatite favoreceram a adesão entusiasmada dos Zorós. O auxílio dos missionários, no enfrentamento das epidemias, que indiretamente aliavam a eficácia da medicina ocidental às preces cristãs de cura, ofereceu a esses indígenas a segurança religiosa que necessitavam.

Neste sentido, concordamos com a pesquisadora Lediane F. Felzke, que a “assistência é encarada como um primeiro passo no trabalho de conversão” (2014, p. 34). A exemplo do povo indígena Zoró, o povo Gavião-Ikolen, igualmente permitiu a penetração dos dogmas cristãos, que metamorfosearam a identidade religiosa do grupo. A pesquisadora, acerca do povo Gavião, acrescenta que:

Desde o princípio do contato interétnico, a forma aberta com que os Gavião se submeteram aos trabalhos nos seringais, negociaram com marreiteiros, se comunicaram com militares, padres salesianos e, por fim, estabeleceram relações duradouras com os missionários reafirma a ‘abertura para o outro’<sup>13</sup> dos povos ameríndios (FELZKE, 2014, p.28).

Essa *abertura para o outro* permitiu a imposição da cultura religiosa cristã sobre as práticas xamânicas adotadas tradicionalmente. Entretanto, Cloutier (1988) acrescenta que, entre os Gavião, povo de origem indígena que integram a Região de Ji-Paraná, a conversão não se manteve totalmente, aos poucos foram abandonando a nova religião, voltando a celebrar as festas xamânicas.

Cabe destacar que no último censo populacional do ano de 2010, os dados oferecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registram a existência no município de Ji-Paraná de 1.148 seguidores das tradições religiosas indígenas.

Outra instituição estabeleceu bases de referência para o contexto histórico-religioso de Ji-Paraná: a Igreja Assembleia de Deus. Sua presença no município data de maio de 1964, quando o Pastor João Pereira de Oliveira reuniu um grupo de pessoas para dar início às ações de conversão. Os primeiros batismos e ceias foram realizados sob a

---

<sup>13</sup> A utilização da expressão “abertura para o outro” é utilizada pela autora para fazer referência à obra: História de Lince de Lévi-Strauss (1993).

jurisdição de Porto Velho. Somente em 1974 a Igreja foi emancipada graças aos esforços do Pastor Manuel Cassimiro de Oliveira.

Esta breve abordagem histórica foi pensada como mecanismo de contextualização a esta investigação. A descrição de variadas presenças e práticas religiosas na constituição histórica de Ji-Paraná ratificam a ideia inicial deste artigo, em que a religiosidade constitui fenômeno de grande relevância na vida das pessoas, sobretudo nos anos que marcaram os processos migratórios para o Estado de Rondônia.

### ***Fotografia e Identidade Religiosa: lideranças em Ji-Paraná/RO***

A relação com o Divino, em variadas circunstâncias, foi registrada sob o olhar de câmeras fotográficas. Foram os documentos fotográficos que nos encantaram e motivou na busca pelo entendimento das relações sociais, culturais e identitária integradas à religiosidade local. A figura do líder religioso encontrada nas fotografias é o destaque deste recorte analítico.

Aparentemente a fotografia *congela*<sup>14</sup> um momento. Mas, sobre a perspectiva da análise fotográfica esse momento é *descongelado* para remetê-lo à dimensão da História, da cultura ou das relações identitárias. Em vista disso, decodificar e interpretar o que se camufla por trás do visível e do fotografável continua sendo um desafio para pesquisadores que usam expressões visuais da fotografia como documento acerca da realidade social. Sendo isso um desafio, sobretudo, metodológico.

Ampliando este raciocínio Kossoy afirma que:

Toda fotografia tem atrás de si uma história. Olhar para uma fotografia do passado é refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la em três estágios: 1º lugar uma intenção para que ela existisse; 2º lugar o ato do registro que deu origem à materialização da fotografia; 3º estágio os caminhos percorridos por esta fotografia, as vicissitudes por

---

<sup>14</sup> Consideramos que o uso de metáforas, como simples figura de linguagem, não agrega sentido ao conhecimento do nosso trabalho. No entanto, as expressões “congela”, “descongelado” ou “congelamento” são utilizadas pelos teóricos Bóris Kossoy (2002), Roland Barthes (1984), Rosalind Krauss (2003) e Philippe Dubois (1994) que estudam a fotografia como documento e utilizam o termo para representar o instante em que a cena foi capturada pela câmera. Desta forma, as expressões deixam de se uma figura de linguagem e passam a constituir uma linguagem técnica de compreensão do conteúdo.

que passou, as mãos que a dedicaram, os olhos que a viram, as emoções que despertou, os porta-retratos que a emolduraram, os álbuns que a guardaram, os porões e sótãos que a enterraram, as mãos que a salvaram (KOSSOY, 2001, p. 29).

Mesmo realizando uma análise extensa e relevante dos componentes do arranjo fotográfico, promovendo a desconstrução dos tempos da fotografia para compreender a realidade social, cultural ou, especificamente, religiosa que ela pretende documentar, não há possibilidades de reviver o momento do ato fotográfico.

Entretanto, para Pierre Bourdieu (1989) o considerável da fotografia está no imaginário coletivo de que ela resulta, na imaginação que suscita. Para ele, é necessário ler a fotografia indiretamente, por meio da interpretação da vida social e suas conjunturas.

A imagem fotográfica atua em uma ação constitutiva de identidade para o sentido de pertencimento. De acordo com Bosi (2004), a memória de cada indivíduo constitui um prisma sobre a memória coletiva. Todo núcleo familiar possui um acervo fotográfico, como um tipo de patrimônio simbólico, que em conjunto com outros acervos familiares confirmam um ideal de coesão, identidade e pertencimento.

Nesta análise tomamos como base as fotografias de líderes religiosos, encontradas em álbuns de família de moradores do município, coletadas e catalogadas pelo Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia de Rondônia (IFRO) Campus Ji-Paraná. Contribuindo para a análise, utilizamos declarações de fiéis e líderes religiosos que atuam no município. Também fizemos uso de publicações e obras memorialistas.

Entrevistamos alguns líderes religiosos, com questionamentos sobre as ações evangelizadoras, a relação com os fiéis e a memória que as fotografias religiosas são capazes de despertar. A contribuição desses líderes religiosos para o estudo é indispensável, haja visto, que são conhecedores da realidade cultural religiosa e da relação dos indivíduos com a fé e a Igreja. Eles relatam que:

O líder religioso passa a ser um referencial, um exemplo de vida, de fé. A maneira de viver, o caráter é exemplo para os crentes. Ele começa a ter uma influência na vida das pessoas muito forte (LR 01).

Aqui, nesta região, o líder religioso foi fundador de diversas vilas, comunidades, que depois foram com o

tempo crescendo e se tornando grandes cidades, como Ji-Paraná. Começou com o povo que estava disperso no meio do mato e se juntavam. Os padres iam para lá levar a palavra de Deus e vivenciar o ser cristão (LR 02).

A gente sempre encontra referências de padres que passaram pela paróquia e cada momento se relembra desses líderes com carinho. Os padres têm um cuidado, uma atenção, um carinho com os fiéis. Eram conciliadores e conselheiros nos problemas que os fiéis tinham (LR 03).

O líder religioso é aquele que ajuda as pessoas a alimentar sua fé. É um conciliador, um diretor espiritual que aconselha, que orienta. Nosso papel de sacerdote é aquele que alimenta com a palavra de Deus e também com a eucaristia (LR 05).

Os líderes religiosos têm a função de ensinar o cristianismo, fazer missas, celebrar datas, a serviço da comunidade, para falar dos ensinamentos de Jesus. Tem que ser exemplo. É muito prazerosa a missão do sacerdote (LR 02).

Vou ser eternamente grato a Deus pelo carinho e atenção que recebo dos fiéis. Sempre ouço: - Padre hoje eu rezei por você! Padre, hoje fui à missa e fiquei triste porque você não estava lá! Coisas assim... (LR 01).

Nosso papel é muito importante. Somos líderes espirituais. Temos a responsabilidade de manter um padrão, de ser exemplo para os fiéis. Exemplo de vida cristã, de amor, de fraternidade, caridade, enfim.

[...] querendo ou não, somos o reflexo para os fiéis (LR 04).

Palavras como: “referencial”, “reflexo”, “exemplo”, “conselheiro” ou “conciliador” se repetem nos discursos analisados. As contribuições apresentadas indicam que existe um papel pré-determinado a ser cumprido pelos sacerdotes ou pastores. As funções dentro da comunidade são moldadas por rituais e ações práticas, que orientam os fiéis ou crentes para o exercício da vida cristã.

A atribuição desses líderes é também social, são os responsáveis por perpetuar a fé, ao disseminar a cultura religiosa. Mas, é importante frisar, que os líderes religiosos são os fundadores ou mantenedores da estrutura religiosa, que condiciona ações coletivas e práticas culturais. Portanto, a postura orientadora e padronizada possibilita o controle e a manutenção da religião.

Por outro lado, para os fiéis, eles representam um indivíduo dotado de carisma, são profetas, grandes comunicadores, portadores de uma mensagem divina. Nas palavras dos entrevistados, os líderes religiosos podem ser representados a partir das seguintes descrições:

Eu acho um papel importante, pois quando a gente precisa de uma ajuda, de um auxílio, de uma palavra amiga ele está sempre ali. Ele traz muita sabedoria para seguirmos na fé (FI 05).

O líder religioso é muito importante, pois ele é um exemplo. Ele tem que dar exemplo. Eu sei que ele é humano e também tem as fraquezas dele, não cabe à gente condenar. A gente vai à igreja atrás de Jesus. O líder religioso segue o exemplo de Jesus e o exemplo de Jesus arrasta multidões (FI 02).

É importante com certeza. Mesmo nos tempos bíblicos, a gente percebe, que quando o líder religioso é forte espiritualmente, ligado a Deus, ele conduz seu rebanho de uma maneira poderosa. Levando as pessoas a adorar a Deus (FI 04).

Mas para mim, pessoalmente, é muito importante porque é como se fosse uma espécie de representante de Deus aqui na terra. Aquela pessoa em geral muito sábia e muito preparada espiritualmente e sempre muito disposta a ajudar, ouvir, que nos levanta quando caímos. Eu gosto muito do meu pastor (FI 07).

Ele é um líder espiritual, sempre que alguém precisa, mesmo quando alguém está fraco na fé, quando há um problema e alguma decisão a ser tomada, ele é consultado (FI 14).

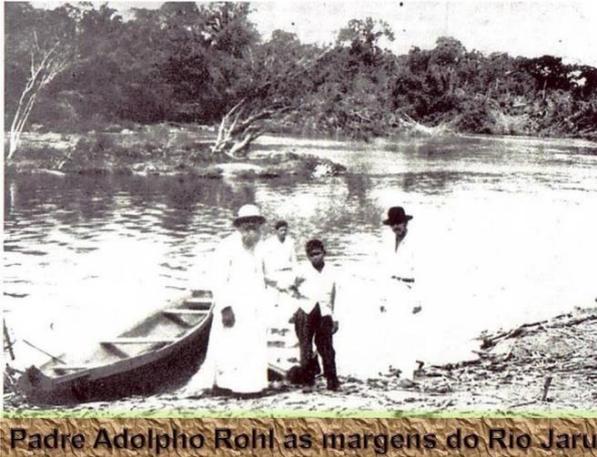
Ele é muito sábio e preparado e tem sempre uma palavra de ânimo e apreço e nos faz enxergar alternativas, tem sempre uma palavra bíblica para nos dar (FI 11).

É aquele que orienta e corrige, é a pessoa escolhida e ungida por Deus para estar à frente da comunidade, doando a vida para a obra do Senhor. Ser padre é uma vocação, um sinal da presença de Jesus no meio do povo (FI 13).

É possível compreender na fala dos fiéis, que há uma admiração ofuscada pela fé. Afirmações como: “o pastor é um representante de Deus na Terra”, “pessoa escolhida e ungida por Deus”, “ele conduzia seu rebanho de forma poderosa” ou “Ele é muito sábio”, demonstram a importância deste elemento religioso. Percebemos um deslumbramento na fala dos entrevistados ao exprimir sentimentos em relação ao líder. Ainda cabe destacar que os dirigentes religiosos recebiam, em várias ocasiões, um tratamento equivalente ao das autoridades políticas. Algumas fotografias se caracterizam por delinear as relações de poder das instituições religiosas, motivada e mantida, principalmente por princípios morais tradicionais, presentes na identidade cultural dos indivíduos.

Na memória histórica das instituições, bispos, padres e pastores são lembrados pelo trabalho, pela dedicação e pela colaboração prestadas às comunidades. Para

compreender as marcas e vestígios da religiosidade é oportuno rever a trajetória de alguns líderes religiosos que se incorporaram à vida das pessoas promovendo a crença religiosa.



**Padre Adolpho Rohl às margens do Rio Jaru**

**Fotografia 2:** Pe. Adolpho Rohl às margens do Rio Jaru. s.d - arquivo Museu das Comunicações, Ji-Paraná.

Personagens religiosos se alternaram, constantemente, na evangelização dos moradores da Vila de Rondônia e dos povos indígenas da região. Um desses personagens reconhecido pelo fervor religioso foi o Padre Alemão Adolpho Rohl, retratado na Fotografia 2. Sua imagem está eternizada em documentos fotográficos que compõem o acervo do Museu das Comunicações do município. A batina branca, cabelos longos e ruivos, barba avantajada e aparência física de um homem grande típico da Bavária alemã é a descrição utilizada por aqueles que o conheceram em vida, ratificada pela fotografia.

Tendo como pano de fundo a floresta amazônica e o Rio Jaru, a fotografia revela a precariedade da região no período em que Pe. Adolpho Rohl atuou como evangelizador. O pequeno barco em madeira era o transporte utilizado, já que o rio era a melhor opção de acesso às localidades ribeirinhas.

São poucas as fontes bibliográficas que permitem detalhar e autenticar as ações deste clérigo na localidade. Contudo, de acordo com informações publicadas na revista “Ji-Paraná e sua História”, em comemoração ao 34º aniversário de Ji-Paraná, presente no acervo da Biblioteca Municipal, o Padre Adolpho Rohl chegou ao distrito em 1949, tornando-se uma das personalidades que mais contribuíram para que Ji-Paraná se alicercasse como cidade de destaque no cenário estadual.

Entre as realizações que marcaram sua presença na localidade estão: à construção da primeira capela do distrito, a escola Dom Bosco e ainda o Hospital Nossa Senhora Aparecida. Por meio de doações de parentes e amigos da Alemanha, ele arrecadava recursos para promover melhorias para o distrito, durante uma época de muitas privações e desprovimento.

Sabe-se, contudo, que ele deixou o país de origem para se instalar em uma localidade cravada na floresta do recém-criado Território Federal do Guaporé, depois de passar por outros estados brasileiros. Quando aqui chegou fixou moradia à margem do Rio Machado, de onde partia para visitas aos fiéis e contatos para conversão de índios. Sua diligência no distrito é lembrada com apreço no texto da Revista Ji-Paraná e suas Histórias.

Em pouco tempo, o padre passou a contar com a admiração e respeito dos moradores e se tornou uma referência local, passando a exercê-la sempre com muita autoridade entre as muitas pessoas que chegavam para a exploração do garimpo de diamantes. A palavra de Adolpho era tão respeitada que ele era chamado até para solucionar conflitos entre garimpeiros por causa da falta de autoridade policial (REVISTA JI-PARANÁ E SUAS HISTÓRIAS, 2011, p. 19).

Em outro trecho é apontada a dedicação do vigário na promoção da saúde dos moradores, na ocasião da chegada do primeiro aparelho de raio-X. O texto ainda acrescenta:

Um dos acontecimentos de maior notoriedade envolvendo o padre alemão foi a vinda do primeiro aparelho de raio-X ao distrito. Doado por parentes na Alemanha, o equipamento deveria ser instalado no Hospital Nossa Senhora Aparecida, mas não foi o que aconteceu. O padre alemão enfrentou dificuldades na liberação de documentos pelas autoridades alfandegárias em Manaus, e ainda foi surpreendido com a incapacidade de a rede de

energia elétrica funcionar o equipamento na unidade de saúde. Sem outros meios, o aparelho de raio-X acabou sendo levado para Porto Velho e o hospital anos depois foi vendido para o governo estadual (REVISTA JI-PARANÁ E SUAS HISTÓRIAS, 2011, p. 19).

Vários foram os deslocamentos para celebrações de casamentos, batizados, missas em outras comunidades, tendo o rio como principal acesso. Uma de nossas entrevistadas (FI 01), que nasceu em Vila de Rondônia em 1925, foi testemunha dos trabalhos realizados pelo padre. Em depoimento, relata as ações que vivenciou. Conta que:

O padre Adolpho andou muito nesse rio de barco; casando, confessando, crismando. Até uma vez o barco dele alagou e ele escapou por cima do galho. Foi ele que fundou a primeira igreja. Construiu a igreja atual e a anterior que era feita de madeira. Ficava onde é hoje o Teatro Dominginhos, depois mudaram pra cima. Antes as missas eram nas casas das pessoas (FI 01).

Inferimos que ao recordar as ações realizadas pelo Padre Adolpho Hohl, ocorridas a um período de tempo relativamente longo, a entrevistada indiretamente, destaca a relação deste religioso com os fiéis e com as estruturas precárias, disponíveis naquele momento histórico para o exercício do sacerdócio.

Homenagens em ruas, avenidas e prédios públicos de muitas cidades rondonienses, ainda hoje marcam o reconhecimento por sua devoção religiosa e por inúmeras obras sacerdotais que promoveram educação e saúde aos moradores do distrito de Vila de Rondônia.

Ao analisarmos os depoimentos sobre a perspectiva da memória, encontramos no pensamento de Maurice Halbwachs (2006), argumentos que reportam à identidade. Para o sociólogo, a memória coletiva define a identidade por meio da relação que o indivíduo institui com o outro. Assim, como Halbwachs, acreditamos que não existe memória pura, mas reconstituições do passado. O indivíduo seleciona do passado o que lhe interessa, lembrando os fatos que estão inseridos na estrutura social que pertence.



**Fotografia 3:** Fiéis segurando os tijolos que foram usados para a construção da primeira Igreja batista de Ji-Paraná, em 1965 (IFRO, 2013).

No cenário que tornou notório alguns líderes religiosos que atuaram no município, destacamos também o pastor Paulo Bellington, que desenvolveu seu trabalho evangelizador na formação da Igreja Batista. Na Fotografia 3 é o segundo da direita para a esquerda. Chegou à Vila de Rondônia em 1963, quando deu início ao trabalho de evangelização. Reunindo algumas famílias embaixo de uma mangueira, utilizou-se dos conceitos religiosos cristãos para conseguir a adesão dos moradores da localidade, aumentando paulatinamente o número de fiéis da congregação Batista.

De forma pioneira, o pastor Paulo Bellington, com a ajuda dos novos adeptos deu continuidade ao ministério. Na imagem, os fiéis exibem tijolos, que foram utilizados para a construção da Primeira Igreja Batista de Ji-Paraná, em 1965. Nesse período, a maior parte das construções eram feitas de madeira, cobertas com folhas de bacuri, conforme podemos observar na parte central superior do documento fotográfico.

Naquele momento a edificação do templo representava uma conquista relevante para o grupo, ainda pequeno de fiéis, que contou com a liderança do pastor Paulo. Podemos notar que alguns indivíduos trazem nas mãos livros que pressupõe ser a bíblia, com vestimentas domingueiras e calçados simples ou chinelos que indicam existência moderada.



**Fotografia 4:** Casal de missionários Horst Stute e Annette Stute disponível em:  
<http://www.novastribosdobrasil.org.br>

Da mesma forma, o missionário e pastor Horst Stute, acompanhado de sua esposa Annette Stute visualizados na Fotografia 4, vieram para Vila de Rondônia, em outubro de 1964, participando da *Missão Novas Tribos do Brasil*, objetivando o ensino religioso aos índios. A fotografia foi obtida por meio digital, pelo senhor Crispim Bispo Reis dos Santos, que conheceu o casal e os acompanhou em várias expedições de evangelização.

No período em que atuaram na região, o casal Stute, desceu o Rio Machado até a embocadura do Igarapé Lourdes e chegaram à aldeia dos índios Gavião, dando início ao processo de conversão. Trabalharam por 43 anos entre os índios Gavião.

No sentido de reafirmar a presença desses missionários, em meio aos povos indígenas da região, as Fotografias 5 e 6 apresentam a missionária Annette Stute e seu esposo Horst Stute respectivamente. As características físicas europeias dos missionários Horst e Annette que aparecem acompanhados dos filhos, podem facilmente ser identificadas na fotografia, quando comparadas as peculiaridades indígenas.

Outro aspecto observável na fotografia são as vestimentas usadas pelos indígenas (chapéu, vestidos, calças e camisas) que indicam por sua vez, a influência cultural a que foram submetidos. Até mesmo a estrutura da casa, que aparece na Fotografia 5, indica a influência dos europeus pela utilização de pedras e argila na

construção. Como elemento indígena identificamos apenas a tipóia utilizadas por algumas mulheres para segurar as crianças.



**Fotografia 5:** Missionária Annette Stute com a filha em ação missionária junto aos índios Gavião. (IFRO, 2014)



**Fotografia 6:** Missionário Horst Stute e filhos junto aos índios Gavião. (IFRO, 2014)

O estudo desenvolvido por Lediane F. Felzke (2014), junto ao programa de Doutorado em Antropologia Social da Universidade de Brasília, coletou informações que descrevem o primeiro contato do missionário Horst Stute com os indígenas:

A interlocução inicial ocorreu com Xambete, jovem índio, que falava português razoavelmente bem devido à convivência com os seringueiros desde a infância. [...] Xambete lembra que quando viu aquele homem branco pela primeira vez imaginou tratar-se de um marreteiro, mais um dentre os inúmeros que percorriam os igarapés da região trocando mercadorias industrializadas por borracha ou por outros produtos da floresta coletados pelos índios. Ele ficou surpreso com a fala do missionário e a repetiu para mim: \_ Eu não vim comprar pele, nem ouro, nem borracha, nem vender nada, eu vim falar pra vocês de Deus, vim mostrar uma vida muito melhor. Xambete não só o acolheu como o conduziu até outras malocas (FELZKE, 2014, p.6).

Desse momento, Horst Stute acompanhado da esposa e missionária Annette Stute inicia o trabalho de escolarização, enfermagem e linguística, com o propósito de encontrar um método para traduzir os conceitos cristãos para a linguagem indígena.



**Fotografia 7:** Bispo Dom Antônio Possamai no Teatro Dominginhos em 1998 (IFRO, 2013).

Outro exemplo é o Bispo Dom Antônio Possamai, em destaque na Fotografia 7, que foi o primeiro bispo de Ji-Paraná. A imagem foi capturada no Teatro Dominginhos, em 1998 e cedida por Rochy Lane Lima da Rocha. Vários eventos públicos do município contaram com a presença de Dom Antônio, sempre convocado para atribuir significado religioso em ações coletivas. Na imagem, com definições comprometidas pela qualidade fotográfica, o pároco fazia reflexões junto aos fiéis sobre o sentido do Natal. Proveniente de álbuns de família, essa fotografia carrega em si o interesse familiar em guardar lembranças de momentos ou pessoas que de alguma forma foram importantes ou significativas.

Durante 24 anos (05/06/1983 a 11/04/2007) dirigiu os trabalhos eclesiais na Diocese de Ji-Paraná. Atuava em defesa dos agricultores ligados ao Movimento Sem Terra (MST), dos direitos humanos, dos povos indígenas da região e na defesa do meio ambiente. Seus sermões buscavam contextualizar a fé cristã com as realidades amazônicas de exclusão. Por essa razão é lembrado como um líder engajado em causas sociais das minorias. Hoje, Dom Antônio Possamai, com 87 anos é bispo emérito e reside na paróquia São João Bosco de Porto Velho/RO.

As ações desses líderes religiosos estão guardadas na memória dos fiéis e suas lembranças armazenadas em registros fotográficos. Alguns integrantes do estudo lembram as ações de alguns dos líderes que compõem a história das instituições religiosas. Apontamos algumas falas:

Dom Antônio era um padre que dava gosto de ouvir. Hoje eu sou crente, mas naquela época eu era católico. Eu sempre ia aos encontros que ele organizava, era bonito de se ver. Um homem que tinha sempre uma palavra amiga. Não desfazia de ninguém (FI 12).

O pastor Paulo Bellington e sua esposa Dóris foram os desbravadores da nossa igreja. Chegaram à Vila de Rondônia para iniciar a evangelização nestas terras (LR 04).

O Padre Adolpho é muito lembrado, meu pai contava que ele construiu escola, hospital, um monte de coisa. É difícil ter padre assim hoje! (FI 02).

Entendemos que os líderes religiosos são valorizados, por serem os responsáveis pela missão da formação evangelizadora dos cidadãos. Percebemos que as ações e pregações desses líderes impregnavam o ideário cristão, como mecanismo de controle social e cultural. Para os fiéis, apesar de todas as dificuldades que ainda poderiam encontrar, são considerados dignos de todo respeito, reconhecimento, admiração e obediência.

Os retratos desses líderes auxiliam na compreensão da memória coletiva dos indivíduos que permeiam a religiosidade ji-paranaense, uma vez que a instrução cristã na localidade contou com a ação missionária desses dirigentes. Dentro da perspectiva dos Estudos Culturais, que levam em consideração as representações, entendemos que mesmo sendo retratos individuais, essas fotografias referem-se à identidade coletiva da cidade e convertem o sujeito em uma categoria institucional.

As imagens não só auxiliam na descrição, mas também são capazes de reconstituir as situações vivenciadas, podem inferir as questões culturais e identitárias relevantes para a preservação do imaginário cultural. São ícones que oferecem indícios da memória produzida socialmente.

Toda formação identitária se alicerça em base de memórias coletivas que refletem realidades e processos individuais e sociais. Logo, documentos visuais, como a fotografia, são entre outros, elementos que fundamentam a memória coletiva, transcendem a representação estética e adquirem um caráter social de afirmação e reconhecimento identitário. Há, portanto uma retroalimentação entre identidade e memória que são possíveis de ser interpretadas por meio de documentos fotográficos.

Assim, neste estudo, compreendemos que o ato de guardar fotografias de líderes religiosos é também uma forma de comprovar suas trajetórias e realizações. Como meio de recordação ou documentação da vida religiosa, como meio de informação e divulgação de fatos ou mesmo como instrumento de pesquisa científica, “a fotografia tem feito parte indissociável da experiência humana” (KOSSOY, 2001, p.155).

O sociólogo Max Weber (1999) apresenta em sua teoria, a preocupação em compreender o indivíduo e suas ações. Para ele, a sociedade se forma por um conjunto de ações de indivíduos relacionando-se reciprocamente. Esse autor parte do indivíduo e de suas motivações para compreender a sociedade como um todo.

A ação que leva um indivíduo a se associar, num corpo religioso, é um mecanismo para responder às angústias e sofrimentos, ou mesmo às condições de vida. Assim, os líderes religiosos, ao promoverem ações evangelizadoras e solidárias, acabam individualmente fornecendo um arcabouço ético, pelo qual outros indivíduos/fiéis ordenam suas vidas e constroem suas identidades culturais.

### ***Considerações Finais***

Neste estudo não procuramos somente fazer uma análise para entender mais sobre as fotografias enquanto produto do passado, mas a partir de um olhar apurado sermos capazes de identificar e refletir sobre os comportamentos sociais, suas relações simbólicas, as estruturas de poder e, sobretudo aspectos culturais e identitários registradas pelas fotografias.

A concepção de cultura e o entendimento das normas ligadas ao meio religioso são complexas e heterogêneas, mas substancial para entender a progressiva dinâmica social que se materializa entre os indivíduos. Entendemos a cultura como uma soma de dimensões materiais e imateriais, que identificam um determinado grupo, que partilha das mesmas crenças. Neste contexto, ao investigar aspectos religiosos presentes nas representações fotográficas de líderes religiosos que atuaram no município de Ji-Paraná, notabilizamos um código de condutas e práticas que caracteriza e expressa à identidade cultural.

Pautados nas estratégias de controle social e nas ações evangelizadoras que adotavam, os líderes Pe. Adolpho Rohl, Pr. Paulo Bellington, Pr. Horst Stute e Dom Antônio Possamai foram agentes promotores da religiosidade cristã, dotados de influência e poder. Mas também é notório, que o referencial que os fiéis encontravam nesses líderes religiosos colaborou para o fortalecimento da ideia de pertencimento e manutenção da fé entre os membros do grupo.

Esses líderes não foram apenas pregadores dominicais, foram agentes sociais que atuaram junto à comunidade, promovendo muito além da instrução de dogmas religiosos cristãos. Suas ações permearam o ambiente político e social, atenderam a demandas de saúde e alimentação das comunidades onde estiveram inseridos e ainda proporcionaram oportunidades de educação e orientação aos fiéis.

Esses religiosos passaram por privações diante das intempéries climáticas típicas do ambiente amazônico e da rusticidade da floresta, atuaram na mediação de conflitos entre seringueiros e indígenas, sempre direcionados pela fé. Razão pela qual, suas ações ganharam notoriedade diante da promoção de bens simbólicos e reais.

### ***Referências Bibliográficas***

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BARTHES, R. A Câmara Clara. *Notas sobre fotografia*. Trad. Júlio Castañón Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BOURDIEU, P *O poder simbólico*. Lisboa, Difel, 1989.

- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. Coleção Estudos, 20, 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BRASIL. Lei 6448 de 11/10/1977, que dispõe sobre a organização política e administrativa dos Municípios dos Territórios Federais, disponível em: <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/128389/lei-6448-77>. Acesso em: 21/01/2015
- BRASIL, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. Censo 2010/ religião. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_da\\_populacao](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao). Acesso em: 19/01/2015.
- CHARTIER, R. A história cultural - entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, R. Textos, Impressões, Leitura. In: L. Hunt, *A nova história Cultural* (pp. 211-238). São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- CHARTIER, R. *Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1995.
- CLOUTIER, S. Une nouvelle éthique en rupture avec la tradition. La conversion des Indiens Zoró à l'évangélisme de la Mission Nouvelles Tribus. Dissertação de mestrado. Montréal: Université de Montréal, 1998.
- DAL POZ, J. *Cosmologia e Religião - Os Zoró*. 2009. Artigo disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/zoro/2067>, acesso em: 21/01/2015.
- DEL PRIORI, Mary. *Religião e religiosidade no Brasil Colonial*. São Paulo, Ática, 1997.
- DUBOIS, P. *O ato fotográfico*. Trad. marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1994.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FELZKE, Lediane F. *Deus e Zagapóhji na terra dos Gavião: um encontro de cosmologias e seus desdobramentos*. Projeto de doutorado em Antropologia Social da Universidade de Brasília, UNB, 2014.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HUGO, V. *Desbravadores*. Humaitá, 1959.
- IFRO – Instituto Federal de Rondônia. *A imagem vale mais que mil palavras*. Banco de imagens fotográficas do projeto de pesquisa PIBIC EM: *A fotografia no Ensino de História*. 2013. fotografias.

- IFRO – Instituto Federal de Rondônia. A imagem vale mais que mil palavras. Banco de imagens fotográficas do projeto de pesquisa PIBIC EM: Fatos e Fotos. 2014. fotografias.
- KOSSOY, B. Realidades e ficção na trama fotográfica. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- KOSSOY, B. Fotografia & História. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- KOSSOY, B. Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.
- KRAUSS, R. O Fotográfico. Barcelona: Gustavo Gilli, 2003.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. História de lince. São Paulo: Companhia da Letras, 1993.
- MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política. São Paulo, Martins Fontes, 1977.
- MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL. Testemunho dos missionários Horst Stute e Annette. Publicado em 17/08/2012. Disponível em:  
<http://novaatribosdobrasil.org.br/artigos/testemunho-dos-missionarios?start=18>. Acesso em fevereiro de 2015.
- MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL. Nisto cremos. Disponível em:  
<http://novaatribosdobrasil.org.br/quem-somos/nisto-cremos>. Acesso em dezembro de 2014.
- PANOFSKY, E. Significado nas artes visuais. Tra. Maria Clara F. Kneese e J. guinsburg. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- REVISTA JI-PARANÁ E SUAS HISTÓRIAS. Org. Jairo Ardull. Sagrada Missão de Evangelizar. Revista Ji-Paraná e suas Histórias. Ji-Paraná, p.19-20, 2011.
- RIBEIRO, Darcy. Os Índios e a Civilização, Círculo do Livro, São Paulo, 1995.
- SMIRCICH, Linda e MORGAN, Gareth. “Liderança: a administração do sentido”. In: BERGAMINI, Cecília W. e CODA, Roberto. (orgs.). Psicodinâmica da vida organizacional: motivação e liderança. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1997
- SOUZA, Valdir Aparecido de ; DANTAS, Hélio. História Regional: experiência, subjetividade e escrita histórica em Vitor Hugo. Labirinto (Porto Velho) , v. 7, 2005, p. 4.
- SOUZA, Laura de Mello. O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- TEIXEIRA, Marco Antônio D. FONSECA, Dante Ribeiro. História regional: Rondoniana. Porto Velho, Rondônia, 2ª edição, 2001.
- WEBER, Max. Economia e Sociedade. Brasília, DF. Editora Universidade de Brasília, 1999.

---

WEBER. Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. 2 ed. São Paulo:  
Pioneiro Thamsom Learnin, 2005.

WILLIAMS, Raymond. Marxismo e Literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.